

# APRESENTAÇÃO - CRIAÇÕES E VIDAS MULTIESPÉCIES EM TEMPOS DE CATÁSTROFES – PARTE I

INTRODUCTION TO THE DOSSIER MULTISPECIES CREATIONS AND LIVES AMID CATASTROPHIC TIMES – PART I

**Susana Oliveira Dias**  
**UNICAMP**  
**Tiago Amaral Sales**  
**UFU**

O presente tem se anunciado como um tempo de colapsos, catástrofes e precariedades. Inundações, secas, tornados, ondas de calor, endemias, epidemias, pandemias, contaminação severa dos corpos, solos, águas e ar, flexibilização das legislações ambientais, extinção de espécimes e de relações, aumento da devastação das matas... tudo isso nos atravessa e impacta diretamente nossos modos de vida, de pesquisa e de criação. Todos nós - humanos e não humanos - somos permeados por esses acontecimentos, mas não da mesma maneira. Como lembra Elizabeth Povinelli (2024, p. 58), aqueles “[...] que trazem no corpo a realidade da catástrofe ancestral do colonialismo e da escravidão” estão mais expostos e vulneráveis.

Ensejando ensaiar caminhos possíveis em um mundo em ruínas, este dossiê temático se propõe a pensar, sentir, viver as alianças com seres mais que humanos (rios, montanhas, pedras, plantas, animais, fungos, coisas...), a dar a ver e escutar como essas alianças têm sido potentes para os nossos processos criativos. Por isso nos perguntamos: ao experimentar tais simbioses nas artes e humanidades, quais criações coletivas seriam possíveis em

tempos marcados pelas mudanças climáticas e por uma série de catástrofes? Desejávamos, com esse caminho, romper com as visões de uma Terra/terra arrasada, triste e morta para ecoar maneiras de criar mundos outros. Assim, convocamos, neste dossiê temático, práticas artísticas em suas interfaces inter/transdisciplinares que se anunciassem como viáveis em nossas vivências multiespécies.

Algumas autorias nos inspiraram nesse caminho e destacamos sobretudo o trabalho da bióloga e filósofa Donna Haraway. Para ela, “Espécie tem a ver com definir diferenças, enraizada em fugas plurivocais de doutrinas de causa. [...] Espécie fala de uma conjunção corporal do material e do semiótico” (2021, p. 23). Múltiplas espécies cocriam as paisagens que se ramificam pela Terra/terra - não todas juntas a todo momento, mas algumas que se encontram com outras em tempos e espaços localizados. São espécies companheiras, vizinhas, parentes, parceiras... que afetam a criação e recolocando-a para além das dualidades humanos e não-humanos, naturezas-culturas, sujeitos-objetos, teorias-práticas. Surgem, então, emaranhados em que

“Sujeitos, objetos, tipos, raças, espécies, estilos e gêneros são produtos das suas relações” (Haraway, 2021, p. 16) e se ramificam, cocriam, coevoluem e coconstituem.

Como problematiza Donna Haraway (2023, p. 199), “O Antropoceno demarca graves descontinuidades: o que vem depois não será como o que veio antes” e, por isso, há a urgência de criar parentes/vizinhos/aliados/parceiros que instaurem coletivamente refúgios, já que “Neste momento, a Terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, sem refúgio”. Esses refúgios anunciam-se como urgentes, pois são espaços de vida, de gestação de possíveis. Entendemos que o ato criativo também pode ser resistência e refúgio pois, como nos ensina o filósofo Gilles Deleuze em seu abecedário, “[...] criar é resistir” (Deleuze; Parnet, 1995, p. 62).

Sabendo que “Algumas das coisas mais interessantes sobre espécie são feitas em projetos científicos de ficção científica, literários e não literários - projetos artísticos de vários tipos” (Haraway, 2021, p. 132), propusemos o dossiê temático *Criações e Vidas Multiespécies em tempos de catástrofes*, o qual objetivou (co)construir um arquivo de experimentações em meio às/com as/pelas artes em relações com as ciências, com as educações, com as filosofias, e... e... e... que aconteçam em alianças multiespécies, em bons encontros, em velocidades e composições variadas.

Nesse sentido, esta proposta desejou produções em artes junto de uma perspectiva multiespécie e que se fizeram em alianças inter/transdisciplinares com campos como as ciências, as filosofias, as educações, as comunicações, as divulgações. Buscamos trabalhos de bases teóricas-metodológicas-epistemológicas dos estudos multiespécies, *queer*, feministas, decoloniais, pós-

estruturalistas, pós-modernos e filosofias da diferença, desde que versassem acerca de dimensões artísticas - em alianças com campos outros de pensamento e criação - e vidas multiespécies.

Assim, delimitamos eixos direcionadores para os trabalhos, que eram: cocriações multiespécies em artes; artes e tempos de catástrofes e (re)criações de mundos possíveis; experimentações entre artes, ciências e educações; teorias e práticas artísticas transdisciplinares engajadas com Terra/terra; experiências inter/transdisciplinares entre artes, filosofias, ciências, educações, comunicações diante das catástrofes; artes, educações e experimentações *queer*, feministas, decoloniais, pós-estruturalistas, pós-modernas em tempos de catástrofes.

Lançar uma chamada é tanto um desafio quanto uma surpresa. Não imaginávamos, de início, que receberíamos tantos trabalhos interessantes e de pessoas pesquisadoras de diversas regiões e instituições. Após intenso trajeto de avaliação às cegas realizadas por pares - também pessoas pesquisadoras que tecem alianças com os campos das artes, educações, comunicações e... com as vidas multiespécie -, selecionamos vinte e nove trabalhos em formatos de artigos, ensaios escritos e visuais, além de um portfólio de artista convidado.

Ressaltamos que esta é uma organização fruto de uma parceria interinstitucional que floresceu a partir dos contatos entre Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com a organizadora Susana Oliveira Dias; da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com o organizador Tiago Amaral Sales; e da Universidade Federal do Pará (UFPA), com o editor Denis Bezerra, que tanto nos apoiou nesta feitura desde a etapa inicial em que fabulávamos a chamada, até a escolha de

pareceristas, acompanhamento dos trabalhos e finalização da publicação. Assim, destacamos que o dossiê é fruto de movimentos tecidos pelo grupo de pesquisa *MultiTÃO: proliferar artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações* (Unicamp/CNPq), pelo grupo de estudo e pesquisa *HabitAR: conexões entre ciências, educação e vida* (UFU/CNPq) e pela *Rede latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas*.

Em decorrência da extensão, foram divididas as produções em duas edições da Revista *Arteriais* (UFPA). Nesta primeira parte temos um portfólio, quatorze artigos e um ensaio visual. Abrindo o dossiê apresentamos o portfólio do artista Breno Filo *Creção de Sousa Garcia*, intitulado *MAQUINAÇÕES DE REFÚGIOS IMAGINÁRIOS E ESTRANHOS PARENTESCOS*. Breno nos convida a encontrar com algumas de suas criações - *Ressonar Insular, Transilhas, Máquina-Rota, Exercícios de Afogamento e Arutaua* - e a senti-las como exercícios de mutualismo e afetividade com espaços-seres-coisas-forças-mundos.

A parte dos artigos se inicia com *MISTURA - ALIANÇAS-AFETIVAS-MULTIESPÉCIES-PARA EXPERIÊNCIAS MAIS QUE HUMANAS*, de Marina Souza Lobo Guzzo e Lia Lopes Damasceno, que apresenta o processo artístico e performático *Mistura*, realizado em companhia de espécies vegetais e que coloca em cena corpos meio planta, meio gente. As autoras partem do pressuposto de que “a relação afetiva é a base para se construir alianças” e que tais alianças “ampliam nossa maneira de entender e olhar a vida, as relações e as possibilidades de estar no mundo em múltiplas perspectivas”. Depois, *COEXISTÊNCIAS MAIS QUE HUMANAS EM TERRITÓRIOS ACADÊMICOS: POÉTICAS E EXPERIMENTAÇÕES COM ESPÉCIES COMPANHEIRAS NA UNIVERSIDADE*, de Tiago Amaral Sales e Fernanda Monteiro Rigue, expõe

a convivência emaranhada entre humanos, edifícios, lousas, cães, plantas, tamanduás, mariposas... que acontece nas universidades, partindo de experiências no Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). As pessoas autoras ressaltam, em um artigo-poesia, como “a acolhida e o cuidado cultivados com os diferentes seres que vivem na universidade conosco é um ato político e, portanto, educacional”.

Em *UM OLHAR PARA AS RELAÇÕES DE SIMBIOSE: QUAIS SÃO OS FIOS INVISÍVEIS QUE CONECTAM TUDO?*, Tuane Maitê Eggers dialoga com fungos, líquens e plantas no contexto de criação do livro de artista *Quais são os fios invisíveis que conectam tudo?*, e defende que “o olhar para as relações de simbiose pode resgatar relações de afeto a outros seres vivos e proporcionar ferramentas imaginativas para futuros possíveis”. Já no artigo *ATELIÊ FLUTUANTE E O PÓS-MUSEU NA AMAZÔNIA: É POSSÍVEL UM ECOSSISTEMA TECER CURADORIAS?*, Maria Ceci Leal Bandeira e Valzeli Figueira Sampaio problematizam a impossibilidade de decolonização do museu, já que esse modelo institucional se origina e permanece dentro desse contexto de exploração. Apresenta a experiência de um ateliê aberto para o rio Mojuim, localizado no município de Santo Antônio do Tauá, no estado do Pará, intitulado *Ateliê Flutuante*, que se instaura como um território de provocação e pesquisa artístico-curatorial e reflorestamento de ideias e práticas.

Veronica de Lima Mittmann e Claudia Glavam Duarte experimentam alianças com as crianças no artigo *DEVIR-CRIANÇA PARA INVENTAR OUTROS MUNDOS* e mostram como elas nos desafiam “a estabelecer vínculos mais respeitosos com os não humanos e a problematizar a soberania do humano”. Em *POÉTICAS EM TERRAS QUEIMADAS*, de

Ana Lúcia Canetti e Nivalda Assunção de Araújo, a partir de conexões artísticas com as cinzas das queimadas do Cerrado, as autoras desenvolvem o argumento de que “quem olha a névoa escura do presente talvez possa enxergar melhor o contexto no qual estamos imersos na contemporaneidade”. Esse texto e as ações artísticas registradas em seus *Diários de Campos Queimados* nos fazem pensar na necessidade de estabelecermos novos e potentes “compromissos éticos e estéticos na relação com a paisagem”.

Já o artigo *ALGUMAS IDEIAS PARA DOCÊNCIA NO SÉCULO XXI: POR UMA “ESTÉTICA POLÍTICA” DA SOBREVIVÊNCIA*, de Bruno Costa Lima Rossato e Nilcelio Sacramento de Sousa, nos convida a revisitar os acontecimentos pandêmicos e imaginar criações possíveis, nos levando a questionar: “é possível sermos capazes de desejar de outro modo?”. As plantas são as protagonistas do artigo *DOCÊNCIAS MULTIESPÉCIES EM COMPOSIÇÕES COM UM CURRÍCULO-PLANTA*, de Natalia Francisca Pereira Franco, Caroline Barroncas de Oliveira e Mônica de Oliveira Costa, e propõe pensar em processos artísticos e um ensino de ciências afetado por esses seres. Como notam as autoras, as plantas criam “atmosferas de vida” no currículo e convidam a “manter a germinação possível”.

Em *URUKU: UM BREVE DIÁLOGO SOBRE A VIDA MULTIESPÉCIE NA PESQUISA POÉTICA* DE LUCIANA MAGNO, Dayane da Silva Pinheiro e Rosangela Marques de Britto adentram o cenário de criações artísticas pós-pandêmico em que a artista paraense Luciana Magno compõe performances que evocam a volta ao estado de simbiose com o ecossistema. Emerge, desse encontro, a percepção de que a comunicação entre espécies envolve um “amarrar-se, um ‘tornar-se com’, em um encontro interespecies que exige

considerações e respeito”. Já Dannah Cortat Simoneli e Rafael Pagatini, em *QUIMERAS: A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO NAS FERIDAS DO ANTROPOCENO*, apresentam a série de esculturas em argila *Quimeras* e convidam a refletir sobre o potencial da arte de propor novas formas de enxergar os mundos diante dos desafios de um tempo marcado por profundas e irreversíveis intervenções humanas.

No artigo *ARTE E ANTROPOCENO: O ECOATIVISMO DA BANDA METAL GOJIRA NO CONTEXTO INDÍGENA AMAZÔNICO*, Nathalia Magdalena Uliana Gomes analisa o processo de criação e circulação da música *Amazonia*, da banda francesa Gojira, e observa a intersecção entre a crítica eco-política e a problemática dos povos indígenas da Amazônia no Brasil, apresentando a arte como potencialidade de engajamento e mudança. A performance *Corpos Aquáticos* é expandida e multiplicada no artigo *DO TEMPO EM QUE OS RIOS AINDA ESTAVAM ENTRE NÓS*, de Sy Gomes Barbosa e Ana Carolina da Rocha Mundim. Como apresenta as autoras, a escrita envolve “uma ficcionalização livre que agrega oralidade, audiovisual e hidroimprovisação, cujo objetivo é enfatizar as diferenças e semelhanças entre os corpos de pessoas trans e os corpos d’água”.

É a partir da “articulação entre experiências pessoais, sonhos e referências teóricas, formas sensíveis de elaborar a angústia climática e existencial característica do nosso tempo” que Brígida Moura Campbell Paes e Tatyana Müller Soares escrevem *MORDER DE VOLTA: RECURSOS SENSÍVEIS PARA TEMPOS DE TRANSIÇÃO*. O artigo experimenta um parentesco estranho entre dois corpos - o humano e o jacaré - e nos faz pensar em como a arte e a sensibilidade dependem de relações multiespecies. No texto *NA DECOMPOSIÇÃO DA CRIAÇÃO: NOTAS SOBRE NATUREZA-MORTA, APODRECIMENTO E EDUCAÇÃO*,

Gabrielle Carvalho Ferreira efetua uma torção na educação e seus processos ao encontrar com criações artísticas que convocam espaços de fabulação e reconfiguram a relação entre arte e mundo. Como diz a autora: “Assim, caminhando com a decomposição, é sobre buscar compor uma relação de reunião, isto é, emaranhar-se na materialidade, sua complexidade e seus processos”.

Para terminar esta primeira parte do dossiê, apresentamos o ensaio visual CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS de Valéria Scornaienchi. Valéria apresenta suas “Cartografias possíveis” realizadas em um período de residência em Belém, no Pará, na casa do artista Miguel Chicaoka. Ela se pergunta sobre os devires possíveis em tempos de catástrofes e sobre como acolher as vidas mais que humanas no cotidiano da cidade.

Por fim, desejamos que tenham um bom encontro com as publicações que fazem parte desse dossiê temático. Que elas possam ressoar acerca das potentes criações possíveis que acontecem, mesmo em tempos difíceis, nos arranjos e florescimentos multiespécie.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse: Paris, 1995.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

POVINELLI, Elizabeth. **Catástrofe ancestral: existências no liberalismo tardio**. Tradução de Mariana Lima e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu, 2024.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

*Susana Oliveira Dias* é pesquisadora (PqA) do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É líder do grupo de pesquisa *MultiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações* (CNPq). É editora da *Revista ClimaCom* e coordena a *Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas*. Realizou mestrado e doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp e pós-doutorado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA). Orcid: <<https://orcid.org/0000-0001-5814-7847>>. Email: susana@unicamp.br

*Tiago Amaral Sales* é professor assistente nos cursos de licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (ICENP-UFU). É também docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) da mesma universidade. Realizou pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É doutor e mestre em Educação pela UFU, licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), licenciado e bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da UFU. É líder do *habitAR: grupo de estudos e pesquisas em educação, ciência e vida* (CNPq/UFU) e integrante da Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas (Rede DCMC) e da Rede Internacional de Estudos Culturais e Educação (RIECedu). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>>. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com